

Etnicidade, diversidade cultural e história: diálogos interdisciplinares com narrativas de viagem queirosianas

Rosana Carvalho da Silva Ghignatti ¹

RESUMO:

O presente ensaio tem por objetivo analisar brevemente as Narrativas de viagem do escritor português José Maria Eça de Queirós (1845-1900), especificamente voltadas para o Cairo, a partir da perspectiva da Geografia Humanista Cultural. Através da revisão bibliográfica e do método comparado, o trabalho interage com diversas disciplinas como Literatura, Geografia e História, demonstrando que a interdisciplinaridade constitui um dos muitos pilares da escrita queirosiana. A nossa questão volta-se para o olhar do escritor sobre o Médio Oriente e como aquela experiência de viagem permitiu um alargamento de horizontes críticos no que concerne à interpretação de um europeu sobre o Oriente. O escritor viajante sente-se empolgado ao se deparar com tamanha diversidade étnica, religiosa e cultural, além da descrição minuciosa da paisagem e seus arredores. Nesse sentido, O Cairo multicultural, através das lentes queirosianas, trará uma rica discussão sobre questões que envolvem a nossa contemporaneidade, a exemplo do diálogo com outras disciplinas e a diversidade de culturas linguísticas, étnicas e religiosas que o escritor observou e relatou nos seus escritos.

Palavras-chave: Eça de Queirós; Narrativas de viagem; O Egito; Paisagem; Geografia Humanista Cultural.

RESUMEN:

Este ensayo tiene como objetivo analizar brevemente las narrativas de viajes del escritor portugués José Maria Eça de Queirós (1845-1900), específicamente centradas en el Cairo, desde la perspectiva de la Geografía Humanista Cultural. A través de revisión bibliográfica y método comparado, la obra interactúa con diferentes disciplinas como la Literatura, la Geografía y la Historia, demostrando que la interdisciplinariedad constituye uno de los tantos pilares de la escritura de Queiroz. Nuestra cuestión gira en torno a la perspectiva del escritor sobre el Medio Oriente y cómo aquella experiencia de viaje permitió una ampliación de horizontes críticos con respecto a la interpretación de un europeo sobre el Oriente. El escritor viajero se emociona ante tanta diversidad étnica, religiosa y cultural, además de la detallada descripción del paisaje y su entorno. En este sentido, El Cairo multicultural, a través de la lente de Queiroz, traerá una rica discusión sobre temas que involucran nuestra época contemporánea, a ejemplo del diálogo con otras disciplinas y la diversidad de culturas lingüísticas, étnicas y religiosas que el escritor observó y relató en sus escritos.

Keywords: Eça de Queirós; Narrativas de viaje; El Egito; Paisaje; Geografía Humanista Cultural.

¹ Professora de Literatura Brasileira no Colégio Propedêutico- Riachão do Jacuípe/BA. Doutora em Literatura e Cultura (UFBA); Mestra em Literatura e Diversidade Cultural (UEFS); Especialista em Estudos Literários (UEFS) e Graduada em Letras Vernáculas (UNEB). E-mail rosanacs26@yahoo.com.br

Pela sua natureza plurissignificativa a Literatura permite o diálogo com várias áreas do conhecimento. Não é diferente com a Geografia, muito menos com a História, a Filosofia e as Ciências Humanas em geral. A partir da década de 1970, presenciamos uma virada nos estudos da Geografia, que deixam um pouco seus aspectos rigidamente científicos para dar vazão aos aspectos simbólicos, míticos e memorialísticos, despontando assim uma vertente dos estudos geográficos que analisa também a percepção do homem sobre o espaço habitado. É o que nos atesta Michel Collot ao sinalizar que:

O fortalecimento de uma geografia literária é inseparável da evolução das ciências humanas e sociais, as quais se mostram há cerca de cinquenta anos cada vez mais atentas à inscrição dos fatos que tocam ao homem e a sociedade no espaço. Pode-se falar a esse propósito de uma “virada espacial” ou “virada geográfica (COLLOT, 2012, p. 18).

Observa-se que em séculos anteriores o estudo da Geografia reduzia-se apenas ao seu aspecto meramente físico e estrutural em torno da espacialidade, sem quaisquer vínculos com a participação do homem e sua complexidade. O seu fundamento básico era o Positivismo, ciência desenvolvida no século XIX que acreditava no método da observação como

única ferramenta capaz de se obter o conhecimento. Contudo, com o avanço sistemático das Ciências Humanas e Sociais, a disciplina passou a rever vários conceitos, voltando assim o seu olhar para o aspecto antropológico e priorizando as relações arquitetadas pelo homem em torno do espaço.

Em 1869, o escritor português Eça de Queirós, empreende uma viagem para o Médio Oriente com o objetivo de assistir à inauguração do Canal de Suez. Desta rica experiência de viagem, o romancista deixa para a posteridade um vasto material dedicando as suas mais ricas impressões sobre aquele feito, são as suas Narrativas de viagem, intituladas **Alta Síria, Palestina e O Egito**. É desta inusitada experiência por terras tão distantes, que procuraremos analisar, mesmo que brevemente, as impressões do viajante sobre a paisagem oriental, trazendo assim um diálogo entre as narrativas literárias e os estudos geográficos. O capítulo dedicado ao Cairo, inserido na obra póstuma **O Egito** (1946), por exemplo, é um dos mais interessantes. O escritor viajante sente-se empolgado ao se deparar com tamanha diversidade étnica, religiosa e cultural, além da descrição minuciosa da paisagem e seus arredores. Logo no início do capítulo,

ele contrapõe esse mosaico de culturas à monotonia das cidades europeias, que limitam a imaginação do artista devido às arquiteturas retilíneas, com suas ruas sombrias e vestuários pesados, pois

aqueles que nunca saíram das ruas direitas e monótonas das cidades da Europa, não podem conceber a colorida e luminosa originalidade das cidades do Oriente (QUEIRÓS, 1946, p. 87).

Ainda fazendo um contraponto entre as melancólicas cidades europeias com suas “casas estreitas e chatas, na violenta limitação imposta pela municipalidade” (QUEIRÓS, 1946, p. 88), o escritor enaltece o espaço amplo da natureza² para a consolidação da imaginação do artista, e, nesse sentido, a paisagem mostra-se propícia para alguns devaneios, afinal,

a imaginação, no campo, na margem dum rio, entre uma floresta, toma um livre caminho, encontra alimento, vive, tem quem a escute, tem confidentes, tem companhia, pasta livremente, devagar, olhando, cismando... (QUEIRÓS, 1946, p. 88).

A seguir, o relato ganha velocidade, riqueza de detalhes e sente-se logo a empolgação do escritor diante das ruas do Cairo, afinal, a cidade é “o centro do Egito e a sua maravilha. A corte do Pachá chama o comércio e as caravanas. A mesquita de El-Azhar congrega os estudantes. O Vale do Nilo atrai todo o mundo” (QUEIRÓS, 1946, p. 89).

Ao contrário de Alexandria, foi no Cairo que Eça de Queirós encontrou, de forma mais intensa, os símbolos que remetem a um Oriente mítico, voltado ao passado. Isso pode ser observado através de minuciosas descrições de haréns, camelos, palmeiras, mesquitas, felás e túnicas. As ruas funcionaram como verdadeiro laboratório onde o escritor desempenhou o seu papel de observador atento, captando comportamentos diversos e imprimindo às suas narrativas os seus pontos de vista. Ao caminhar pelas ruas do Cairo, anotando observações, aguçando o seu olhar para as múltiplas paisagens ao seu entorno, ao ouvir as mais diversas línguas, os seus sentidos ³são aguçados e,

² Ida Alves pontua que “a natureza é o lugar mítico, da origem, onde o homem poderia se sentir pleno, se não fosse o que é hoje: predominantemente urbano, transformando a natureza em cenário artificial, “locus horrendus” (ALVES, 2010, p. 92, grifo da autora).

³ Antônio Cordeiro Feitosa atribui a experiência, o conhecimento e os sentidos como fatores

preponderantes para a percepção da paisagem em torno do observador: “A experiência é, intensamente, auxiliada pela acuidade dos sentidos e por algumas habilidades inatas e adquiridas pelo indivíduo com o conhecimento, tais como: a cognição, o espírito investigativo, a argumentação, o rigor dos processos de observação, a orientação, a direção e a capacidade de representação”

como um autêntico *flâneur* experimenta o espaço da cidade marcado pela alteridade agora vivida:

A rua se torna moradia para o flâneur que, entre as fachadas dos prédios, sente-se em casa tanto quanto o burguês entre suas quatro paredes. Para ele, os letreiros esmaltados e brilhantes das firmas são um adorno de parede tão bom ou melhor que a pintura a óleo no salão do burguês; muros são a escrivaninha onde apoia o bloco de apontamentos; bancas de jornais são suas bibliotecas, e os terraços dos cafés, as sacadas de onde, após o trabalho, observa o ambiente (BENJAMIN, 1989, p. 35).

A partir da citação de Benjamin, podemos entender que Eça de Queirós aproveitou os momentos passados nas ruas do Cairo para exercitar sua imaginação, vivenciando as possibilidades que estas ruas puderam oferecer, desde os movimentos de camelos, dromedários, caravanas, burros e carruagens, até mesmo um pequeno café em um bairro muçulmano, onde árabes, turcos e núbios se encontravam, em uma intensa pluralidade de sujeitos. O movimento frenético das ruas, as diversas profissões⁴ exercidas pelos mais diversos sujeitos, a rotina cansada dos felás, o cotidiano das

mulheres em suas casas ou durante os seus passeios, quando elas “passam, voltam, tornam a passar, com o andar lento, pesado, fatigado, que indica o hábito de viverem sentadas” (QUEIRÓS, 1946, p. 102) tudo é visto, analisado e descrito por Eça, como se ele invadisse a intimidade daquelas famílias. Casas, palácios, haréns, constituem matéria para uma narrativa minuciosa, na qual a surpresa o acompanha a cada minuto e

A originalidade da cidade oriental, de passagem, é construída na convivência de várias culturas, na multiplicidade cultural. Esta multiplicidade ou variedade do encontro é de certa forma desconhecida na Europa, pois sugere uma espécie de convivência étnica e também religiosa [...] O exótico “multicultural” passa também pelas próprias palavras e nomes utilizados: copta, núbio, Samaria, albanês, búlgaro. O leitor “conhece”, assim, um ambiente extremamente exótico, variado, desconhecido e distante, povoado de lugares e homens dos quais muitas vezes ele nem ouviu falar e que estão lá junto ao pau de sicômoro e outras palavras (CHACHAM, 1999, p. 131).

Em diversas passagens dos seus relatos, apesar de Eça fazer descrições dos meios de transporte que o levavam de um lugar a outro pelo Egito, percebe-se que nas

(FEITOSA, 2010, p. 39). Todos esses atributos são visíveis na linguagem queirosiana, confirmando a hipótese de muitos estudiosos ao afirmarem que foi no Oriente, que Eça de fato desenvolveu o seu talento para o jornalismo e para os seus futuros romances realistas.

⁴ “Vamo-nos aproximando mais dos bazares: as ruas são ainda orladas de pequenos nichos onde se vende toda a sorte de coisas: louças, armas, comestíveis, brocados. No chão, há filas de mulheres sentadas, encruzadas, tendo diante de si esteiras onde se amontoam bolos, toda a sorte de doces de formas simbólicas e estranhas” (QUEIRÓS, 1946, p. 102).

ruas do Cairo, em alguns momentos, seu trajeto foi realizado a pé, possibilitando uma observação mais demorada e atenta sobre hábitos e costumes tão diversos. Exemplo claro disso está na descrição das casas observadas pelo escritor, que são descritas em aspectos humanizados:

As casas lembram faces humanas, têm todas as expressões. Chegam quase a parecer seres vivos, tanta é a quantidade de intenção que as suas arquiteturas contêm (QUEIRÓS, 1946, p. 93).

Essa humanização das casas possibilita-nos atentar para o que a Geografia Humanista Cultural aborda em torno da paisagem, priorizando a experiência humana na percepção de cada objeto observado. E foi dessa experiência vivenciada por Eça que podemos também perceber que, no Cairo, ele encontrou a “essência” da cultura egípcia, a alteridade tantas vezes perseguida e esperada, na medida em que

Entra-se na rua mais próxima dos haréns: aí a multidão é mais original [...] os coptas, com os seus turbantes negros, de fisionomias concentradas, passam lentamente; os núbios altos, delgados, nervosos [...] caminham a largos passos [...] ali, surge um judeu, de turbante negro, com a túnica traçada, os braços conchegados ao corpo de cabelo pendentes sobre a face, uma sordidez extrema no vestuário: vem de trocar, decerto, moedas no bazar, ou de concluir algum negócio de joias (QUEIRÓS, 1946, p. 97, grifos nossos).

Além de citar coptas e núbios, demora-se mais na descrição do judeu e

sua antiga profissão de comerciante, voltada para o manejo de joias. Ratifica-se que a paisagem não se restringe apenas ao seu elemento natural, apenas ao espaço amplo e aberto da natureza, mas também pode ser percebida em seus mínimos detalhes, principalmente quando o sujeito nela inserido pode alargar as percepções do observador. Nesse caso, arquiteturas, ruas, comércios dos mais variados, casas, antigas universidades, profissões, ou qualquer lugar onde o indivíduo está presente são objeto de análise e percepção de Eça de Queirós, enriquecendo e alargando suas narrativas de viagem. Assim,

A paisagem não envolve apenas os elementos geográficos dispostos no espaço, pois, numa determinada porção do espaço, não há um só conjunto de elementos que lhe dão forma, mas o resultado da combinação dinâmica de elementos físicos, biológicos e humanos, interagindo dialeticamente numa paisagem única e indissociável, em perpétua evolução (FEITOSA, 2010, p. 36, grifos nossos).

Assim, o capítulo referente ao Cairo caracteriza-se por dois planos narrativos. O primeiro, faz referência às diversas paisagens orientais que Eça leu nos seus estudos orientalistas, e pôde enfim conhecer durante sua passagem pelas ruas e pelos bairros da cidade, um lugar feito de vestígios, de algo remoto, alimentado pela imaginação histórica, artística e geográfica.

No segundo⁵ plano da narrativa, observa-se, porém, a mudança brusca da paisagem. De um passado histórico repleto de tradições orientais, o leitor depara-se com a descrição de uma paisagem profundamente modificada, ocidentalizada, como se a Europa invadissem aquele território tão caro de imagens simbólicas. Dessa forma, a narrativa vai perdendo sua “aura” de coisas remotas para dar vazão aos costumes tipicamente ocidentais⁶: são as ruas do Cairo iluminadas a gás; são as mesquitas cedendo o seu espaço para a implantação de fábricas; são as *lorettes*⁷ ocupando o

lugar das antigas dançarinas egípcias; são hotéis, casinos e consulados preenchendo antigos espaços orientais, onde

[...] ali vive e medra a população franco-levantina. [...] Ali estão os pequenos cafés gregos, os bilhares, os cabeleireiros, os fotógrafos e a antiga estação do trânsito da Índia, com a sua larga porta ogival [...] (QUEIRÓS, 1946, p. 105).

Eça de Queirós observou o desenvolvimento de várias cidades europeias. Seu século, permeado por profundas alterações no espaço urbano⁸, através do desenvolvimento da economia e das ciências em voga, além da intensa novidade dos vários meios de comunicação, proporcionou ao escritor

⁵ Intitula-se “A cidadela” e é nesta parte da narrativa que a descrição da ocidentalização se torna mais contundente.

⁶ Cesário Verde, poeta contemporâneo a Eça, reflete muito bem no poema “Sentimentos de um ocidental” esse estado de inquietação marcado pelo desenvolvimento urbano do século XIX que, além de atingir as principais capitais europeias, paulatinamente foi modificando Lisboa. Observemos um pequeno trecho: “Nas nossas ruas ao anoitecer/Há tal soturnidade, há tal melancolia/Que as sombras, o bulício, o Tejo, a maresia /Despertam-me um desejo absurdo de sofrer /O céu baixo e de neblina /O gás extravasado, enjoa-me, perturba /E os edifícios, com as chaminés, e a turba /Toldam-me de uma cor monótona e londrina” (VERDE, Cesário. O sentimento de um ocidental. In: MOISÉS, Massaud. **A literatura portuguesa através dos textos**. 28 ed. São Paulo: Cultrix, 2002, p. 336).

⁷ Tipo de prostituta francesa do século XIX.

⁸ O romance **A cidade e as serras**, apesar de ter sido publicado muitas décadas depois da viagem de Eça ao

Oriente, representa as grandes novidades que a personagem Jacinto Tormes, um rico português residente em Paris, aproveitou durante a sua estada naquela capital. Dessa forma, ruas alargadas são descritas, com seus bulevares luxuosos, cafés movimentados, praças arborizadas, transportes coletivos, paralelamente ao nascimento de novidades como elevadores, telégrafos e relógios públicos. Contudo, diante de tamanha “civilização”, a personagem Zé Fernandes, amigo de Jacinto, assim como ocorreu com Cesário Verde, no poema “Sentimentos de um ocidental”, desanima-se ao ver construções postíças e com feições artificiais: “Nessa mesma tarde, se bem me recordo, sob uma luz macia e fina, penetramos no centro de Paris, nas ruas longas, nas milhas de casario, todo de calça parda, erizado de chaminés de lata negra, com as janelas sempre fechadas, as cortininhas sempre corridas, abafando, escondendo a vida. Só tijolo, só ferro, só argamassa, só estuque: linhas hirtas, ângulos ásperos: tudo seco, tudo rígido. E dos chãos aos telhados, por toda a fachada, tapando as varandas, comendo os muros, Tabuletas, Tabuletas, Tabuletas... (QUEIROZ, 1950, p. 44).

uma leitura atenta dos costumes que iam aos poucos moldando a paisagem a seu redor. Pelas movimentadas ruas do Cairo, por exemplo, o romancista tece comparações entre as grandes metrópoles europeias, desenvolvendo assim a sua percepção em torno da paisagem oriental. Apesar do contentamento do escritor ao encontrar resquícios de um Oriente remoto, através das intensas descrições sobre os costumes orientais na cidade do Cairo, a sua escrita é permeada pela pluralidade de sentidos, contradições, desconstruções e idealizações. Isso porque, ao mesmo tempo em que Eça de Queirós se depara com um “velho sheik do deserto, com a sua longa túnica listrada” (QUEIRÓS, 1946, p. 104) observa do terraço do Shepheard’s Hotel,

[...] consulados, casinos italianos e franceses, pequenos cafés gregos, bilhares, cabeleireiros, fotógrafos [...] onde, debaixo das árvores, se toma o café, se joga o dominó [...] (QUEIRÓS, 1946, p. 105).

Esses costumes notadamente ocidentais não estavam provavelmente na expectativa de viagem do romancista português. Daí o desencanto, a decepção constante. A citação de jornais e revistas europeias como o **Fígaro**, a **Ilustração** e o **Times**, expostas nas mesas do hotel,

além do hábito de tomar cerveja e jogar a roleta, convivem ao mesmo tempo em que “alguns felás dormem ao sol...” (QUEIRÓS, 1946, p. 106), contribuindo assim para a percepção de uma paisagem ricamente oposta, através da mistura de hábitos ocidentais e orientais. A caminho da Cidadela, torna-se patente a ocidentalização no Egito, à medida que Eça conhece mesquitas, templos e túmulos, percebe que a industrialização, já em pleno desenvolvimento na Europa, vai se tornando constante nas cidades orientais, em especial nas cidades muçulmanas⁹, contribuindo assim para a descaracterização da paisagem “original”:

Os templos de Tebas são utilizados, e neles se lançam os alicerces das novas indústrias; os templos de Amrú são aproveitados para fábricas, e a mesquita maravilhosa de Kait-Bey e os túmulos dos Califas, caem em ruínas à beira das novas avenidas macadamizadas! Abrem-se largas ruas hirtas, direitas, derrubando-se, como o largo de Esbekiêh, casas árabes feéricas, de mucharabiêhs maravilhosos, cheias de arabescos, rendilhadas, bordadas, riscadas de listras vermelhas, com os finos versículos do Alcorão pintados nas suas fachadas. Ilumina-se a cidade a gás, macadamizam-se as ruas, estabelecem-se cafés onde as lorettes abancam, e a cantiga da Femme à Barbe mistura-se ao estalar da cerveja! É Paris, é Londres, é Nápoles, invadindo o velho Cairo (QUEIRÓS, 1946, p. 111, grifos nossos).

⁹ Para um melhor aprofundamento deste assunto, conferir o artigo “Progresso e impureza: viajantes

europeus descrevem a ocidentalização de cidades muçulmanas”, da professora Vera Chacham (2003).

O que a Geografia Humanista Cultural tem nos mostrado, por meio de suas constantes pesquisas na área da paisagem e dos aspectos fenomenológicos (DARDEL, 2015) inerentes a ela, é que o homem acompanha o progresso dos lugares nas suas mais diversas formas. Nesse caso, residências são destruídas para a construção de lojas ou indústrias, ruas são alargadas para um melhor tráfego de veículos, terrenos vastos de plantações das mais diversas espécies podem ser devastados para o pavimento de prédios. E a cultura, representada na arte, na arquitetura, na religião e nos costumes de cada país, pode também sofrer modificações, evoluções e substituições. Assim aconteceu na Europa, quando as estreitas ruas medievais foram se transformando ao longo do tempo; assim aconteceu também no Brasil, quando, durante o período imperial, o Rio de Janeiro passou por modificações profundas para se aproximar esteticamente das ruas parisienses, no intuito de se marcar a paisagem com “ares de progresso e civilização”. Não podia ser diferente no Egito que, invadido pelos mais diversos povos em busca de seus recursos naturais,

ou visitado por turistas, egiptólogos, jornalistas e escritores, imprimiu uma atmosfera de multiculturalismo em cada paisagem. Assim também se deu a transformação das cidades históricas do país, através da industrialização nascente, da substituição de alguns costumes marcadamente tradicionais por outros mais modernos. Nesse sentido,

A paisagem aparece, assim, como uma manifestação exemplar da multidimensionalidade dos fenômenos humanos e sociais, da interdependência do tempo e do espaço e da interação da natureza e da cultura, do econômico e do simbólico, do indivíduo e da sociedade. A paisagem nos fornece um modelo para pensar a complexidade de uma realidade que convida a articular os aportes das diferentes ciências do homem e da sociedade (COLLOT, 2013, p. 15).

Avançando na leitura das narrativas sobre o Cairo, encontra-se uma breve reflexão sobre a história da cidade. Mais uma vez, observa-se que a percepção da paisagem em Eça de Queirós é complexa e ao mesmo tempo interdisciplinar, haja vista a interação das suas análises com a Geografia, ao descrever o lugar, a paisagem e todos os elementos naturais e humanos que a cercam com as suas características; a Arquitetura, nas minuciosas descrições de mesquitas¹⁰, pirâmides, casas, museus e

¹⁰ “A mesquita de Tulûne é uma das mais belas. Toda em ruínas, serve hoje de morada aos pobres. Devastada,

remendada, o seu efeito é ainda extraordinário: é um vasto quadrado, cercado de uma tríplice arcada, que a

muralhas; a Sociologia, quando analisa a situação da mulher oriental¹¹ e também denuncia a exploração do felá; a Literatura, ao citar o clássico **As mil e uma noites**¹²; a Religião, voltada principalmente para o passado bíblico¹³; a Arte em geral, reunida em torno das línguas, das danças¹⁴ e músicas árabes e também da História, quando, ao visitar “duas altas muralhas” na saída da Cidadela, arrisca-se em reflexões históricas:

[...] A porta está destruída, em derrocada. Ali, foram assassinados os Mamelucos. Tinham vindo com grande esplendor à festa do Pachá. À saída, ao descenderem por aquele estreito caminho, encontraram fechada a grossa porta chapeada de ferro. Quiseram retroceder, mas nesse momento uma descarga cruel esmaga-os: os albaneses fazem fogo de trás da muralha! Apertados naqueles muros, a cavalo, numa confusão dolorosa, crivados de balas, ensanguentados, pereceram, miseravelmente. Um único tinha ficado para trás: ouvindo os tiros, os gemidos, os gritos, desenrola o turbante, venda os olhos do cavalo e atira-se do alto da Cidadela. O cavalo chega a baixo morto, o Mameluco ferido. Daí a dias era agarrado e decapitado (QUEIRÓS, 1946, p. 112).

luz enche magnificamente” (QUEIRÓS, 1946, p. 117). Observa-se que Eça de Queirós não descuidava de imprimir as suas críticas ao estado de degradação da arquitetura árabe, que, ainda assim, é o elemento tradicional, a herança de um passado de glórias que sobressai na narrativa.

¹¹ Ainda no capítulo sobre o Cairo, Eça de Queirós faz uma substancial análise do comportamento das mulheres egípcias, denunciando sua condição de submissão e silenciamento ao longo dos séculos. Conferir o subcapítulo intitulado “A mulher no Oriente” (QUEIRÓS, 1946, p. 123-139)

O tom de narração sobre esse acontecimento histórico torna-se exemplar. As imagens fortes fazem o leitor imaginar um passado repleto de lutas sangrentas, injustiças, ambições desmedidas. Eça de Queirós se aproveitou da visita feita às muralhas do Cairo para dar espaço a sua prodigiosa memória, na qual a paisagem mais uma vez torna-se enriquecida pela presença dos sujeitos, mesmo que estes não sejam mais visíveis fisicamente, mas a partir da narração do escritor em torno de um específico acontecimento histórico.

O resultado desta visita ao Cairo é uma paisagem que revela história, conflitos, marcas de degradação por toda a parte. O romancista percebe a paisagem oriental por meio da relação com a História daquele lugar, através das práticas de colonização predatória consumadas ao longo do tempo, dos intensos conflitos

¹² “O Cairo, visto da mesquita de Tulûme, é, pelo contrário, a cidade-joia, a cidade poética das **Mil e uma noites**” (QUEIRÓS, 1946, p. 117, grifos nossos).

¹³ “Ao cimo duma pequena ladeira, mostram-nos um largo poço de antiga construção, profundo, negro, vasto, assombreado por sicômoros murmurosos onde cantam as rolas. Desce até ao nível do Nilo, e a tradição conta que foi edificado por José, filho de Jacob” (QUEIRÓS, 1946, p. 112).

¹⁴ Conferir o último capítulo das narrativas, intitulado “Noites feéricas”, onde está a descrição e análise das danças das Ghawazis (QUEIRÓS, 1946, p. 261-271).

bélicos e religiosos e da presença do sujeito europeu que foi moldando e modificando a antiga paisagem, ao inserir elementos e comportamentos ocidentais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência do olhar de Eça de Queirós sobre a paisagem decadente e, ao mesmo tempo ocidentalizada, desestabiliza, em certo sentido, as ideias preconcebidas em torno de um Oriente mítico, “original”, idealizado, pois as

paisagens perdidas, vindas de uma memória clássica, acabam por refigurar uma visão crítica da contemporaneidade ante a ruína atual da relação homem e natureza [...]” (ALVES, 2010, p. 85).

Seja através das movimentadas ruas do Cairo, ou nas silenciosas Pirâmides, seja na decadente Alexandria ou no esplendor do Rio Nilo, a percepção da paisagem oriental filtrada pelas lentes do escritor português está em contínuo processo de tensão, a partir de um mosaico de imagens ora idealizadas ora desconstruídas, instáveis. Nesse sentido, é importante considerar que o percurso da História é uma constante e ao mesmo tempo desconcertante presença nas Narrativas de viagem de Eça e a Geografia Humanista Cultural, por sua vez, enriquece as nossas análises em torno da experiência queirosiana, na medida em que o simbólico, carregado de uma linguagem plurissignificativa soma-se aos escritos literários do escritor.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Ida. Paisagens mediterrâneas na poesia portuguesa contemporânea: Sophia de M. B. Andresen e Nuno Júdice. In: ALVES, Ida ; FEITOSA, Márcia (Orgs.). **Literatura e paisagem: perspectivas e diálogos**. Niterói: EDUFF, 2010, p. 81-98.

BACHELARD, Gaston. **A poética do espaço**. Tradução: Antônio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BENJAMIN, W. Paris do Segundo Império. In: BENJAMIN, W. **Obras escolhidas III: Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

CHACHAM, Vera. Progresso e impureza: viajantes europeus descrevem a ocidentalização de cidades muçulmanas. **Revista de Ciências Humanas**. Florianópolis: EDUFSC, n. 33, p. 25-48, abril de 2003.

_____. Encanto e desencanto da cidade oriental. **Boletim do CESP**, v. 19, n. 25, jul./dez. 1999.

COLLOT, Michel. Pensamento e paisagem. Paisagem e literatura. In: **Poética e filosofia da paisagem**. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2013.

_____. Rumo a uma geografia literária. **Revista Gragoatá**, Niterói, n. 33, p. 17-31, 2º semestre, 2012.

DARDEL, Eric. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. Tradução: Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2015.

FEITOSA, Antônio Cordeiro. O conhecimento e a experiência como condição fundamental para a percepção da paisagem. In: ALVES, Ida & FEITOSA, Márcia (Orgs.). **Literatura e paisagem: perspectivas e diálogos**. Niterói: EDUFF, 2010, p. 31-42.

MOISÉS, Massaud. **A literatura portuguesa através dos textos**. 28 ed. São Paulo: Cultrix, 200

QUEIROZ, Eça de. **O Egipto: notas de viagem**. Porto: Lello & Irmão, 1946, v. 23.

QUEIROZ, Eça de. **A cidade e as serras**. Porto: Lello & Irmão, 1950, v. 10.